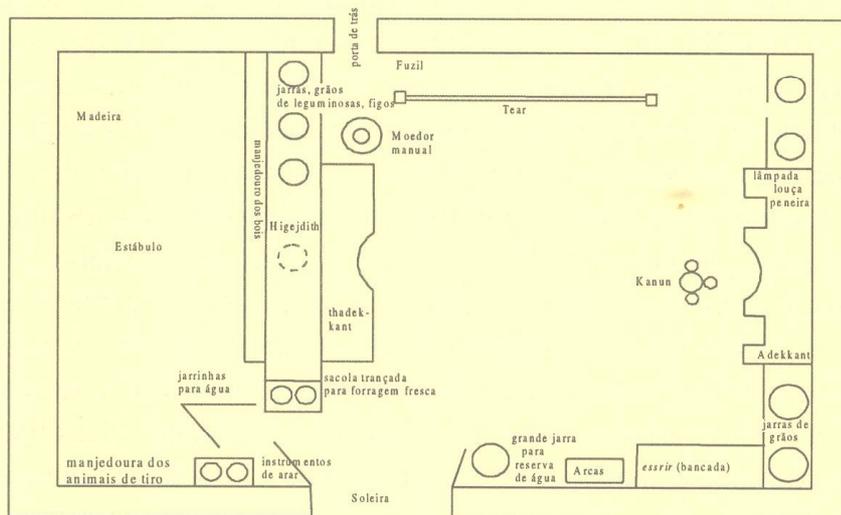


A casa *kabyle* ou o mundo às avessas*

Pierre Bourdieu

Tradução de Claude G. Papavero
 Mestranda em Antropologia Social pela USP
 Bolsista da CAPES
 Com a colaboração de Sueli G. Monteiro.
 Revisão de Kabengele Munanga
 Docente do departamento de Antropologia/USP

O interior da casa *kabyle* tem a forma de um retângulo que uma pequena parede com uma abertura elevando-se a meia-altura divide, no terço do seu comprimento, em duas partes: a maior, soerguida em cerca de 50 cm, coberta com uma camada de argila preta e de estreme de vaca lustrada com seixo pelas mulheres, é reservada para uso humano; a mais estreita, pavimentada com lajes, sendo ocupada pelos animais. Uma porta de duas folhas dá acesso aos dois aposentos. Sobre a mureta de separação guardam-se, de um lado, as jarrinhas de terracota ou as cestas de fibra de alfa nos quais conservam o aprovisionamento destinado ao consumo imediato – figos, farinhas,



* A presente tradução refere-se ao texto "La maison Kabyle ou le monde renversé". In: POUILLON, Jean & MARANDA, P. Echanges et communications - mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60^e anniversaire. Paris: Haye Mouton, 1970, p. 739-758.

leguminosas – e do outro, perto da porta, as jarras de água. Acima do estábulo, há um sótão onde armazenam, junto a diversos tipos de utensílios, a palha e o feno destinados à alimentação dos animais, e onde dormem geralmente as mulheres e as crianças, sobretudo durante o inverno. Diante da construção de alvenaria atravessada por nichos e buracos, encostada ao muro de oitão, que chamam de muro (ou mais exatamente “lado”) do alto ou de *kanun*, que serve para guardar os utensílios da cozinha (concha, panela, prato para assar bolos achatados e outros objetos de terracota escurecidos pelo fogo), enquadrada de ambos os lados por grandes jarras cheias de grão, se encontra o fogão, uma cavidade circular de alguns centímetros de profundidade em seu centro, em volta da qual três grandes pedras dispostas em triângulo destinam-se ao apoio das vasilhas de cozinha.

Em frente à parede, diante da porta chamada, muitas vezes, pelo mesmo nome que o muro exterior da fachada sobre o pátio (*tasga*) ou que é chamado ainda muro do tear ou muro oposto (é visto de frente quando se entra) ergue-se o tear. Do lado oposto, o muro da porta é chamado de muro da escuridão, ou do sono, ou da moça, ou do túmulo; uma bancada larga o suficiente para receber uma esteira estendida, está encostada nele e acolhe o bezerro ou o carneiro da festa, às vezes lenha ou uma jarra d’água. As roupas, as esteiras e os cobertores estão pendurados, durante o dia, num pino ou numa viga de madeira, junto ao muro da escuridão ou então são colocados debaixo do banco de separação. Assim, podemos vê-lo, o muro do *kanun* se opõe ao estábulo como o alto se opõe ao baixo (*adaynin*, estábulo, decorre da raiz *ada*, baixo) e o muro do tear ao muro da porta como a luz às trevas: poderíamos ceder à tentação de atribuir a essas oposições uma explicação estritamente técnica, já que o muro do tear, colocado frente à porta, ela própria virada para o leste, é o mais fortemente iluminado, sendo que o estábulo encontra-se, de fato, situado em desnível num plano inferior (pois, no mais das vezes, a casa é construída perpendicularmente às curvas de nível do terreno, para facilitar o escoamento dos líquidos que se desprendem do estrume e das águas usadas), caso numerosos indícios não viessem a sugerir que essas oposições constituem o centro de feixes de oposições paralelas que não devem jamais toda sua necessidade aos imperativos técnicos e às necessidades funcionais.

A parte baixa, escura e noturna da casa, lugar dos objetos úmidos, verdes ou crus – jarras de água colocadas sobre bancos na entrada do estábulo de ambos os lados ou contra o muro da escuridão, lenha, forragem verde – lugar também dos seres naturais – bois e vacas, burros e mulas – das atividades naturais – sono, ato sexual, parto – e também da morte, se opõe como a natureza à cultura, à parte alta, luminosa, nobre, lugar dos humanos e em particular do hóspede, do fogo e dos objetos fabricados pelo fogo, lâmpada, utensílios da cozinha, fuzil – símbolo da honra viril (*ennif*) que protege a honra feminina (*horma*) –, tear, símbolo de toda proteção, lugar ainda das duas atividades especificamente culturais que têm lugar no espaço da casa: a cozinha e a tecelagem. Essas relações de oposição se expressam através de todo um conjunto de indícios convergentes que lhes dão fundamento e, ao mesmo tempo, delas recebem o seu sentido. É diante do tear que o hóspede que desejam honrar é convi-

dado a sentar, *qabel*, verbo que significa também se defrontar com ou estar frente ao leste. Quando alguém foi mal recebido, é costume que diga: “Ele me fez sentar diante de seu muro da escuridão como num túmulo” - ou ainda - “ele tem um muro da escuridão tão sombrio quanto um túmulo”. O muro da escuridão também é chamado muro do doente; a expressão “segurar o muro” significa estar doente e, por extensão, estar ocioso: com efeito, armam ali o leito do doente, sobretudo durante o inverno. O vínculo entre a parte obscura da casa e a morte se revela ainda pelo fato de que é na entrada do estábulo que procedem à lavagem do morto. Costumam dizer que o sótão, inteiramente construído em madeira é carregado pelo estábulo como o cadáver pelos carregadores, *tha'richth* designando ao mesmo tempo o sótão e a maca que serve para transportar os mortos. De modo que é compreensível que não se possa oferecer a um hóspede, sem ofendê-lo, dormir no sótão, que mantém com o muro do túmulo a mesma oposição que o muro do tear.

É também diante do muro do tear, em frente à porta, em plena luz, que sentam, ou melhor, que expõem, à maneira dos pratos decorados suspensos na parede, a recém-casada no dia das núpcias. Quando se sabe que o cordão umbilical da menina é enterrado atrás do tear e que, para proteger a virgindade de uma moça, obrigam-na a passar entre os fios da urdidura, indo da porta em direção ao muro, percebe-se a função de proteção mágica atribuída ao tear. E de fato, do ponto de vista de seus parentes masculinos, toda a vida da menina se resume de certo modo nas posições sucessivas que ela ocupa simbolicamente em relação ao tear, símbolo da proteção viril: antes do casamento ela se situa atrás do tear, em sua sombra, debaixo de sua proteção, da mesma forma que está colocada debaixo da proteção de seu pai e de seus irmãos; no dia do casamento ela está sentada na frente do tear, dando-lhe as costas, em plena luz; a seguir ela se sentará para tecer com as costas para o muro da luz, atrás do instrumento. “A vergonha, dizem, é a moça” e chamam o genro de o “véu das vergonhas”, o ponto de honra do homem sendo a “barreira” protetora da honra feminina.

A parte baixa e obscura se opõe também à parte alta, como o masculino ao feminino: além do que, a divisão do trabalho entre os sexos (fundamentada sobre o mesmo princípio de divisão que a organização do espaço) confia à mulher o encargo da maioria dos objetos que pertence à parte escura da casa, o transporte da água, da lenha e do estrume, por exemplo, a oposição entre a parte alta e a parte baixa reproduz, no âmbito do espaço da casa, aquela estabelecida entre dentro e fora, entre o espaço feminino, a casa e seu jardim, lugar do *haram* por excelência, isto é, do sagrado e do proibido, espaço fechado secreto, protegido, ao abrigo das intrusões e dos olhares, e o espaço masculino *thajma'th*, o lugar da assembléia, a mesquita, o café, os campos ou o mercado; de um lado o segredo da intimidade, do outro, o espaço aberto dos relacionamentos sociais; de um lado a vida dos sentidos e dos sentimentos, do outro, a vida dos relacionamentos de homem para homem, do diálogo e das trocas. A parte baixa da casa é o lugar do segredo mais íntimo, no seio do mundo da intimidade, isto é, de tudo o que diz respeito à sexualidade e à procriação. Quase vazia de dia, quando as

atividade todas – exclusivamente femininas – se concentram em volta da lareira, a parte escura encontra-se cheia durante a noite, cheia de humanos, cheia de animais também, pois os bois e as vacas não passam jamais a noite ao relento, diferentemente dos burros e das mulas, e nunca está tão cheia, por assim dizer, quanto na estação úmida, quando os homens dormem dentro da casa e os bois e as vacas recebem alimentos no estábulo. Apesar da existência de uma relação de equivalência entre fecundo e escuro, pleno (ou inchado) ou úmido, comprovada pelo conjunto do sistema mítico-ritual, podemos estabelecer aqui, de modo mais direto, o relacionamento que une a fecundidade dos homens e dos campos à parte escura da casa. Com efeito, enquanto o grão destinado ao consumo é armazenado, como vimos acima, em grandes jarras de terracota encostadas no muro de cima, de ambos os lados da lareira, é na parte escura que depositam o grão que será semeado, seja colocado em peles de carneiro, seja em arcas de madeira deixadas junto ao muro da escuridão, às vezes debaixo do leito conjugal, outras vezes em arcas de madeira guardadas debaixo da bancada apoiada ao muro de separação, em direção à qual a mulher, normalmente deitada num plano inferior perto da entrada do estábulo, vai ao encontro de seu marido. Se lembrarmos que o nascimento é sempre um renascimento do ancestral, o círculo vital (que precisaríamos chamar ciclo de geração) fechando-se sobre seu ponto inicial a cada terceira geração (uma proposta que não podemos demonstrar aqui), entendemos como a parte escura pode ser ao mesmo tempo e sem contradição, o lugar da morte e da procriação ou do nascimento com ressurreição.

Porém há mais para observarmos: é no centro do muro de separação, entre a “casa dos humanos” e a “casa dos animais”, que erguem o pilar principal, sustentando a viga mestra e toda a estrutura da casa. Pois, a viga mestra ligando as “tesouras” e estendendo a proteção da parte masculina à parte feminina da casa (*asalas alemmas*, termo masculino) encontra-se explicitamente vinculada ao dono da casa, enquanto que o pilar principal, tronco de árvore bifurcado (*thigejdith*, termo feminino), sobre o qual ele repousa, é identificado com a esposa (os Beni Khellili o chamam de *mas'uda* um nome feminino que significa “a feliz”), seu encaixe figurando o coito (representado nas pinturas murais como a união da viga e do pilar por dois forçados superpostos). A viga central que suporta o telhado é identificada com o protetor da honra familiar: constitui freqüentemente um motivo para oferendas e é em volta dela, na altura da lareira, que a cobra “guardiã” da casa se enrola: símbolo do poder fecundante do homem e da morte seguida de ressurreição; também representada, às vezes (na região de Collo por exemplo) nas jarras de terra moldadas pelas mulheres, onde guardam o grão que semearão. Dizem ainda que, às vezes, ela desce sobre o colo da mulher estéril chamando-a de mãe, ou que ela se enrola em torno do pilar central acrescentando uma volta após cada mamada. Em Darna, segundo René Maunier, a mulher estéril amarra seu cinto na viga central; é nessa viga que penduram o prepúcio e o junco que foi utilizado na circuncisão; quando ouvem o estalo de sua madeira se apressam em dizer “que seja do bem”, porque prenuncia a morte do chefe da família. Quando nasce um menino, fazem votos de que “ele se torne a viga mestra da casa” e quando ele cumpre pela primeira vez o

jejum ritual, ele toma sua primeira refeição sobre o teto, isto é, em cima da viga central (para que, segundo afirmam, ele possa carregar vigas).

Numerosas adivinhações e ditados identificam explicitamente a mulher com o pilar central: “a mulher do pai de meu pai carrega o pai de meu pai que carrega suas filhas”; “a escrava estrangula seu senhor”; “a mulher sustenta o homem”; “a mulher é o pilar central.” À recém-casada dizem: “Que Deus faça de você o pilar plantado solidamente no meio da casa.” Outra adivinhação diz: “ela se mantém em pé e não tem pés”. Forquilha aberta para cima, em vez de ser colocada sobre pés, ela é a natureza feminina fecunda, ou melhor, suscetível de ser fecundada. É junto ao pilar central, que são amontoados os odres cheios de grão de *hiji* e que tem lugar a consumação do casamento. Desse modo, resumo simbólico da casa, a união de *asalas* e de *thigejdith*, que estende sua proteção (fecundadora) sobre todo casamento humano, constitui, por assim dizer, o casamento primordial, casamento dos ancestrais que é também, como o ato de arar, casamento do céu com a terra.

“A mulher é o alicerce, o homem a viga mestra”, segundo outro provérbio. *Asalas* que uma adivinha define como “nascido na terra e enterrado no céu”, fecunda *thigejdith* plantada na terra, lugar dos ancestrais, donos de toda fecundidade, e aberto para o céu.

Assim, a casa se organiza segundo um conjunto de propostas homólogas: fogo : água :: cozido : cru :: alto : baixo :: luz : sombra :: dia : noite :: masculino : feminino :: *nif* : *horma* :: fecundante : fecundável :: cultura : natureza. Porém, efetivamente, as mesmas oposições existem entre a casa em seu conjunto e o resto do universo. Considerada em seu relacionamento com o mundo externo, mundo propriamente masculino da vida pública e do trabalho agrícola, a casa, universo das mulheres, mundo da intimidade e do segredo, é *haram*, isto é, ao mesmo tempo sagrada e ilícita para todo homem que dela não participe (de onde advém a expressão utilizada nos juramentos prestados : “que minha mulher – ou minha casa – se torne proibida para mim – *haram* – se...”). Lugar sagrado da esquerda, da *horma*, à qual estão vinculadas todas as propriedades associadas à parte obscura da casa, ela se coloca sob salvaguarda do ponto de honra masculino (*nif*) do mesmo modo que a parte obscura da casa se encontra debaixo da proteção da viga mestra. Toda violação do espaço sagrado assume portanto, a partir daí, um significado social de sacrilégio: assim o roubo numa casa de moradia é tratado pelo direito costumeiro como violação muito grave, como ofensa ao *nif* do chefe da família e ultraje à *horma* da casa e, por extensão, de toda a comunidade. Sabe-se também que o hóspede, estranho à família, a quem as mulheres são apresentadas, entrega à dona da casa uma quantia em dinheiro que chamam “a vista”.

Não há fundamento em se dizer que a mulher está presa à casa a menos que se observe, simultaneamente, que o homem é excluído dela, pelo menos durante o dia. Logo que o sol nasce, ele deve, no verão, permanecer no campo ou na casa de assembléia; no inverno, caso não esteja em seu campo, deve ir para a casa de assembléia ou ficar sentado nos bancos colocados debaixo do alpendre que cobre o portão de entrada no pátio. À noite, também, pelo menos durante a estação seca, os homens

e os rapazes circuncidados, dormem fora da casa, ou perto das medas, na área onde batem o grão, ao lado do burro e da mula travados, ou em cima do secadouro de figos, ou no meio do campo, ou, mais raramente, na *thajmath*. Aquele que permanece demais dentro da casa, de dia, se torna suspeito ou ridículo: é o “homem da casa” como chamam o inconveniente que fica junto às mulheres e “choca dentro da casa como a galinha em seu ninho”. O homem respeitável deve estar sempre à vista dos outros, defrontá-los, enfrentá-los (*qabel*). Ele é homem entre os homens (*argaz yer irgazen*). Daí advém a importância que atribuem aos jogos da honra, espécie de ação teatral desempenhada perante os outros, espectadores prevenidos que conhecem o texto e todos os jogos de cena e que são capazes de apreciar suas menores variações. É fácil entender como todas as atividades biológicas, comer, dormir, procriar, são banidas do universo propriamente cultural e se encontram relegadas ao abrigo da intimidade e dos segredos da natureza que a casa representa, mundo da mulher consagrada à gestão da natureza e excluída da vida pública. Dois ditados muito semelhantes definem a condição da mulher que não saberia conhecer outra morada senão o túmulo supra-terrestre representado pela casa, ou a casa subterrânea que o túmulo constitui: “Tua casa é teu túmulo”; “a mulher somente tem duas moradas, a casa e o túmulo”.

Assim, a oposição entre a casa e a assembléia dos homens, entre a vida privada e a vida pública, ou se preferirmos, entre a luz plena do dia e o segredo da noite, recobre exatamente a oposição entre a parte baixa, obscura e noturna da casa e a parte alta, nobre e luminosa. No entanto, a oposição estabelecida entre o mundo externo e a casa somente adquire sentido pleno ao percebermos que um dos termos dessa relação, isto é, a casa, está ele próprio dividido segundo os mesmos princípios que regem sua oposição ao outro. É, portanto, simultaneamente verdadeiro e falso dizer que o mundo externo se opõe à casa como o masculino ao feminino, o dia à noite, o fogo à água etc., já que o segundo termo dessa oposição se subdivide, a cada vez, em seu próprio termo e num termo oposto.

Em suma, a mais aparente das oposições: masculino (ou dia, fogo, etc.) / feminino (ou noite, água, etc.) corre o risco de esconder a oposição: masculino / [feminino - masculino / feminino - feminino] e simultaneamente a homologia: masculino / feminino :: feminino - masculino / feminino - feminino. Vemos, então, que a primeira oposição nada mais é do que uma transformação da segunda, que pressupõe a mudança do sistema de referência, ao cabo da qual deixamos de opor o feminino - feminino ao feminino - masculino, a fim de opor o conjunto, por eles constituído, a um terceiro termo: feminino - masculino / feminino - feminino → feminino (= feminino - masculino + feminino - feminino) / masculino.

Microcosmo organizado segundo as mesmas oposições e as mesmas homologias que ordenam todo o universo, a casa mantém uma relação de homologia com o resto do universo; mas, visto sob outro ângulo, o mundo da casa tomado em seu conjunto encontra-se numa relação de oposição com o resto do mundo, cujos princípios não são senão aqueles que organizam tanto o espaço interno da casa quanto o resto do mundo e, de maneira mais geral, todos os domínios da existência. Assim, a

oposição entre o mundo da vida feminina e o mundo da cidade dos homens repousa sobre os mesmos princípios dos dois sistemas de oposição que ela confronta. Segue que a aplicação a domínios opostos do *principium divisionis* que constitui a própria oposição, assegura uma economia e um acréscimo de coerência, sem provocar em contrapartida a confusão entre esses domínios. A estrutura do tipo $a : b :: b1 : b2$ representa provavelmente uma das mais simples e poderosas que um sistema mítico-ritual possa utilizar, já que não é possível opor sem unir simultaneamente, sendo, além disso, capaz de integrar numa ordem única, um número infinito de dados pela mera aplicação do mesmo princípio de divisão, reiterada indefinidamente. Segue ainda que cada uma das duas partes da casa (e pela mesma ocasião, cada um dos objetos nelas armazenado e cada uma das atividades aí realizadas) está, de certa forma qualificada em dois níveis, seja primeiramente como feminina (noturna, obscura etc.) enquanto parte do universo da casa e, secundariamente como masculina ou feminina enquanto pertencente a uma ou a outra das divisões deste universo. Assim, por exemplo, quando o provérbio afirma : “o homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro” precisamos entender que o homem é a verdadeira luz, aquela do dia, e a mulher a luz da escuridão, a luz obscura; e sabemos, por outro lado, que ela representa em relação à lua aquilo que o homem representa em relação ao sol. De modo semelhante, pelo trabalho da lã, a mulher produz a proteção benéfica da tecelagem, cuja brancura simboliza a felicidade ; o tear, instrumento por excelência da atividade feminina, erguido frente ao leste como o arado seu homólogo, constitui, ao mesmo tempo, o leste do espaço interior, de modo que há dentro do sistema da casa, um valor masculino como símbolo de proteção. Da mesma forma, a lareira, umbigo da casa (identificada, ela própria, com um ventre materno) onde dorme a brasa, fogo secreto, dissimulado, feminino, é o domínio da mulher, investida de autoridade integral no que diz respeito à cozinha e à administração das reservas; é perto da lareira que ela faz suas refeições, enquanto o homem, virado para o exterior, come no centro do aposento ou no pátio. No entanto, em todos os ritos onde intervêm, a lareira e as pedras em seu entorno recebem a eficácia mágica, em se tratando de proteger contra o mau olhado ou a doença ou de conseguir o bom tempo, de sua participação à ordem do fogo, do seco e do calor solar. A casa, ela própria, é dotada de significado duplo: se é verdade que ela se opõe ao mundo público como a natureza à cultura, ela também é cultura noutra relação: não dizem do chacal, encarnação da natureza selvagem, que ele não tem casa?

A casa, e por extensão, a aldeia, o país cheio (*la'mmara* ou *thamurth i'amran*), o espaço cercado pelos muros e povoado pelos homens, se opõem numa certa relação aos campos desprovidos de homens que chamam de *lakla*, espaço vazio e estéril; assim, segundo Maunier, os moradores de Taddert-el-Djeddid acreditavam que aqueles que constroem fora do muro da aldeia se expõem à extinção de sua família; reencontramos alhures a mesma crença, excetuando somente o jardim, mesmo afastado da casa (*thabhirth*), o pomar (*thamazirth*) ou o secadouro de figos (*tarha*), lugares que participam por assim dizer da aldeia e de sua fecundidade. Mas a oposição não exclui a homologia entre a fecundidade dos homens e aquela dos campos que são,

ambas, produto da união entre o princípio masculino e o princípio feminino, entre o fogo solar e a umidade terrestre. Com efeito, é essa homologia que arma a maioria dos ritos destinados a assegurar a fecundidade dos humanos e da terra, seja em se tratando da cozinha estritamente submetida às oposições que organizam o ano agrário e, portanto aos ritmos do calendário agrícola, seja quanto aos ritos de renovação da lareira e das pedras (*iniyen*), que marcam a passagem da estação seca à estação úmida ou o início do ano, seja, mais amplamente, em todos os ritos praticados dentro da casa, imagem reduzida do topocosmo; quando as mulheres intervêm nos ritos mais especificamente agrários é ainda a homologia entre a fecundidade agrária e a fecundidade humana, forma por excelência de toda fecundidade, que fundamenta suas ações rituais e lhes confere eficácia mágica. Não acabaríamos de enumerar os ritos cumpridos dentro da casa que somente possuem uma aparência de ritos domésticos, pois tendem indissociavelmente a assegurar a fecundidade do campo e a fecundidade da casa. É necessário, com efeito, que a casa esteja cheia para que o campo se torne cheio, e a mulher contribui à prosperidade do campo devotando-se, entre outras coisas, a acumular e a preservar os bens que o homem produziu, e a fixar, de certo modo, todo o bem que possa entrar nessa casa. Do mesmo modo que o “país cheio” se opõe ao “espaço vazio” (*lakla*), “a fartura da casa” (*la'mmara ukham*), isto é, na maioria dos casos a “velha” que poupa e acumula, se opõe ao “vazio na casa” (*lakla ukham*), no mais das vezes a nora. No verão a porta da casa deve permanecer aberta o dia todo para que a luz fecundante do sol possa penetrar e junto com ela a prosperidade. A porta fechada representa escassez e esterilidade: sentar na soleira, obstruindo a passagem, é impedir a felicidade e a plenitude de entrarem. A fim de desejar prosperidade para alguém, dizem: “que tua porta permaneça aberta” ou “que tua casa esteja aberta como uma mesquita”. O homem rico e generoso é aquele do qual se diz: “sua casa é uma mesquita, aberta a todos, pobres e ricos, ela é de bolo e de cuscuz, está cheia” (*tha'mmar*); a generosidade constitui manifestação da prosperidade que garante prosperidade. A maior parte das ações técnicas e rituais que cabem à mulher orienta-se pela intenção objetiva de tornar a casa, à maneira de *thigejdith* que abre seu forçado ao *asalas alemmas*, um receptáculo da prosperidade que provém de fora, ventre que, semelhante à terra, acolhe a semente que o macho ali introduziu e, inversamente, pela intenção de impedir a ação de todas as forças centrífugas suscetíveis de privar a casa do depósito que lhe foi confiado. Assim, por exemplo, é proibido emprestar fogo no dia do nascimento de uma criança ou de um bezerro, ou ainda quando iniciam os primeiros trabalhos de lavoura; ao término da tarefa de bater o grão, nada deve sair da casa, e a mulher traz de volta todos os objetos emprestados; o leite, nos três primeiros dias subsequentes ao nascimento do bezerro, não deve sair da casa; a recém-casada não pode transpor a soleira da casa antes de completar sete dias de casada; a parturiente não deve deixar a casa antes do quadragésimo dia; a criança recém-nascida não deve sair antes do Aïd Seghir; o moedor nunca deve ser emprestado, deixá-lo vazio é atrair a fome para a casa; não se deve retirar a peça de tecido do tear, antes de completamente pronta; assim como há interdição de emprestar fogo, não se

pode varrer, um ato de expulsão, durante os quatro primeiros dias de lavoura; “facilitam” a saída do defunto para que não leve embora consigo a prosperidade; as “primeiras saídas”, por exemplo a da vaca quatro dias depois de parida, ou do leitelho, são marcadas por sacrifícios. O “vazio” pode provir de um ato de expulsão; pode também ser introduzido juntamente com certos objetos (como o arado que não deve entrar na casa entre dois dias de lavoura) ou os sapatos do lavrador associados à *lakhla*, ao espaço vazio, ou junto com certas pessoas como as velhas que trazem a esterilidade (*lakhla*), pois são numerosas as casas que elas fizeram vender ou onde elas introduziram ladrões. Pelo contrário, há numerosos atos rituais que visam assegurar o “preenchimento” da casa, como aqueles que consistem em jogar dentro dos alicerces, sobre a primeira pedra, após verterem o sangue de um animal, os pedaços quebrados de uma lâmpada de casamento (cujo formato representa um coito e que desempenha papel na maioria dos ritos de fertilidade) ou que consistem em mandar sentar a recém-casada que entra na casa, sobre um odre cheio de grão. Qualquer primeira entrada numa casa representa ameaça para a plenitude do mundo interior que os ritos do limiar, ao mesmo tempo propiciatórios e profiláticos, devem esconjurar: o novo par de bois é recepcionado pela dona da casa – *thamgharth ukham* – que é, como já vimos “a plenitude da casa” *la’ammara ukham*, e ela também coloca sobre a soleira a pele de carneiro onde se deposita o moedor que recebe a farinha (*alamsir*, chamada ainda “a porta dos gêneros”, *bab errazq*). A maioria dos ritos destinados a trazer fecundidade ao estábulo e, portanto, à casa (“uma casa sem vacas é, dizem, uma casa vazia”), tendem a reforçar magicamente a relação estrutural que une o leite, o verde-azulado (*azegzaw* que também é o cru, *thizegzawth*), a grama, a primavera, a infância do mundo natural e do homem : durante o equinócio da primavera, quando volta o *azal*, o jovem pastor que participa duplamente do crescimento do campo e do rebanho, por sua idade e por sua função, colhe, para suspender ao lintel da casa um maço de “tudo o que o vento agita nos campos” (excetuando o louro-rosa, utilizado geralmente para fins profiláticos e nos rituais de expulsão, e a *scylla* que marca a separação entre os campos); também enterram um amarrado contendo cominho, benjoim e anil no limiar do estábulo dizendo : “Ô verde-azul faça que a manteiga não diminua !” Penduram, na bateadeira de nata, plantas recém colhidas e esfregam com elas os utensílios destinados a receber o leite. A entrada da nubente, em particular é, mais do que qualquer outra, carregada de conseqüências para a fecundidade e a fartura da casa: enquanto ela ainda se encontra sentada sobre a mula que a trouxe da casa de seu pai, apresentam-lhe água, grãos de trigo, figos, nozes, ovos cozidos ou bolinhos fritos (quaisquer que sejam as variações locais), coisas associadas, todas, à fertilidade da terra e da mulher e que ela joga em direção à casa, precedida assim, de certa forma, pela fecundidade e pela plenitude que ela deve trazer à casa . Ela transpõe o limiar da casa carregada nas costas por um parente do esposo, ou às vezes, segundo Maunier, nas costas de um preto (enfim, jamais nas costas do marido), alguém que, ao se interpor, intercepta as forças nefastas capazes de afetar sua fecundidade, pois a soleira, ponto de encontro entre mundos opostos, constitui o assento dessas forças: uma mulher não deve jamais sentar perto da soleira

com o filho no colo; a criança nova e a recém-casada não devem pisá-la muito freqüentemente. Assim, a mulher por intermédio de quem a fecundidade advém à casa, participa da fecundidade do mundo agrário: consagrada ao mundo interior, ela age também sobre o mundo externo, ao assegurar a prosperidade de dentro e ao controlar, enquanto guardiã da soleira, essas trocas sem contrapartida que somente a lógica da magia é capaz de conceber e pelas quais cada uma das partes do universo expressa o intento de só receber fartura da outra, enquanto não oferece senão o vazio .

Mas um ou outro dos dois sistemas de oposição que definem a casa, seja em sua organização interna, seja em sua relação com o mundo exterior, encontra-se evidenciado em primeiro plano, segundo consideram a casa do ponto de vista masculino ou do ponto de vista feminino: enquanto que a casa para o homem é menos um lugar onde se entra do que um lugar donde se sai, a mulher não pode senão conferir a esses dois deslocamentos e às definições diferentes da casa, solidárias com eles, uma importância e uma significação inversas, já que o movimento para fora consiste principalmente para ela em atos de expulsão e que o movimento para dentro, isto é, do limiar para a lareira, lhe cabe especificamente. O significado do movimento para fora nunca é visto melhor do que no rito efetuado pela mãe no sétimo dia após o nascimento, “para que seu filho se torne corajoso”: transpondo o limiar com uma passada da perna direita, ela coloca o pé em cima do pente de cardar e simula um combate com o primeiro rapaz que encontra. A saída é o movimento masculino por excelência, o que leva aos outros homens e também aos perigos e provações que importa enfrentar como um homem tão rugoso em matéria de honra quanto as pontas do pente de cardar. Sair, ou mais exatamente abrir (*fatah*), equívale a “estar de manhã” (*sebah*). O homem respeitável deve sair de casa apenas o dia desponta, a manhã sendo o dia do dia e a saída para fora da casa de manhã, um nascimento: donde decorre a importância das coisas encontradas que servem de augúrios para todo o dia, de modo que é melhor, em caso de encontros desfavoráveis (ferreiro, mulher carregando um odre vazio, gritos ou briga, criatura disforme), “refazer a manhã” ou “a saída”.

Entende-se portanto a importância dada à orientação da casa: a fachada da casa principal, aquela que abriga o chefe de família e que comporta um estábulo, é quase sempre orientada em direção ao leste, a porta principal – por oposição à porta estreita e baixa, reservada às mulheres, que abre para o jardim, atrás da casa – sendo geralmente chamada a porta do leste (*thabburth thacherqith*) ou ainda a porta da rua, a porta de cima, a grande porta . Devido à exposição das aldeias e à posição inferior do estábulo, a parte alta da casa, com o fogão, encontra-se ao norte, o estábulo ao sul e o muro do tear a oeste. Resulta disso que o deslocamento pelo qual se dirigem para entrar na casa é orientado de leste para oeste, em oposição ao movimento da saída, feito de acordo com a orientação por excelência, em direção ao leste, isto é em direção ao alto, à luz, àquilo que é bom e bem: o lavrador orienta seus bois para o leste na hora de atrelá-los e de desatrelá-los e começa a lavrar de oeste para leste; da mesma forma, os segadores se colocam frente à *qibla* e é frente ao leste que degolam o boi do sacrifício. Não se esgotaria a enunciação das ações que são efetuadas conforme a ori-

entação cardinal, isto é todas as ações importantes que põem em jogo a fecundidade e a prosperidade do grupo. Bastará notar que o verbo *qabel* significa não somente fazer frente, enfrentar com honra e receber com dignidade, mas também fazer frente ao leste (*lqibla*) e ao porvir (*qabel*).

Voltando-se agora à organização interior da casa, observa-se que sua orientação é exatamente inversa àquela do espaço exterior, como que obtida por uma meia rotação em torno do muro da fachada ou da soleira utilizada como eixo. O muro do tear com o qual se defronta, logo atravessado o limiar da porta, o que é diretamente iluminado pelo sol da manhã, é a luz de dentro (como a mulher é a lâmpada de dentro), isto é, o leste de dentro, simétrico com o leste externo do qual recebe emprestada sua clareza. O lado interno e escuro do muro da fachada representa o oeste da casa, lugar do sono, que deixam para trás indo da porta em direção ao *kanun*, a porta correspondendo simbolicamente à “porta do ano”, início da estação úmida e do ano agrário. E da mesma forma, os dois muros de oitão, o muro do estábulo e o muro da lareira, recebem dois sentidos opostos, segundo se considere um ou outro de seus lados: ao norte externo corresponde o sul (e o verão) interno, isto é, o lado da casa que tem-se à frente e à direita, quando se entra, olhando para o tear; ao sul externo corresponde o norte (e inverno) interno, isto é, o estábulo, situado atrás e à esquerda de quem se dirige da porta em direção à lareira. A divisão da casa em uma

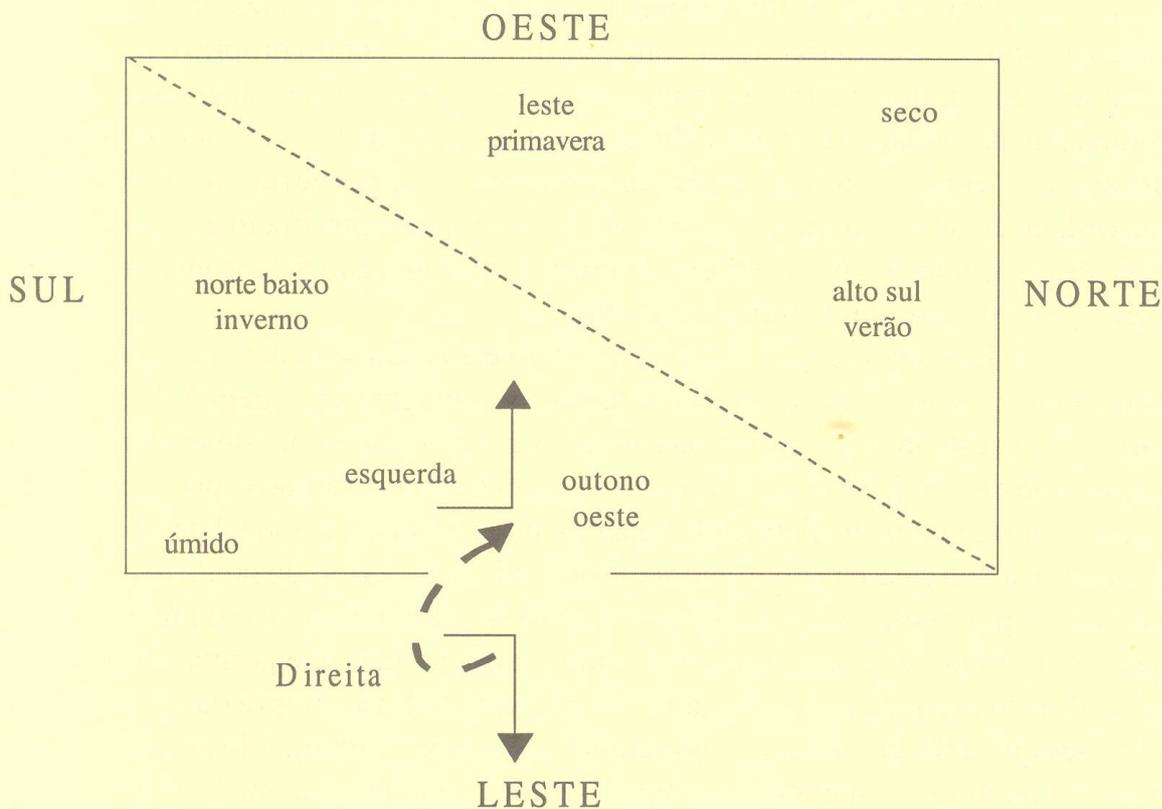


Fig. 2 – A dupla orientação do espaço da casa (os esquadros pretos representam as posições do corpo da pessoa).

parte escura (lados oeste e norte) e uma parte luminosa (lados leste e sul), corresponde à divisão do ano em uma estação úmida e uma estação seca. Em suma, a cada face externa do muro (*essur*) corresponde uma região do espaço interno (o que os *Kabyle* denominam *tharkunt*, isto é, aproximadamente, o lado) que ocupa um sentido simétrico e inverso no sistema das oposições internas; cada um dos dois espaços, portanto, pode ser definido como a classe dos movimentos que efetuam um mesmo deslocamento, isto é, uma meia rotação em relação ao outro, a soleira constituindo o eixo da rotação.

Não se entenderia completamente o peso e o valor simbólico que cabem ao limiar no sistema, se não se percebesse que ele deve sua função de fronteira mágica ao fato de constituir o lugar de uma inversão lógica e que, enquanto lugar obrigatório de passagem e de encontro entre os dois espaços, definidos em relação a movimentos do corpo e a trajetórias qualificadas socialmente, ele é logicamente o lugar onde o mundo se inverte.

Assim, cada um dos dois universos tem seu oriente e os dois deslocamentos mais carregados de significados e de conseqüências mágicas: o deslocamento da soleira para a lareira, que deve trazer plenitude e cujo cumprimento ou controle ritual cabe à mulher - e o deslocamento do limiar da porta para o mundo exterior que, por seu valor inaugural contém tudo que o futuro será e, em particular, o porvir do trabalho agrário, podem se dar em conformidade com a orientação benéfica, isto é, do oeste para o leste. A dupla orientação do espaço da casa faz com que se possa, ao mesmo tempo, entrar e sair com o pé direito, no sentido próprio e no sentido figurado, com todo o benefício mágico vinculado a essa observância, sem que se rompa jamais a relação que une a direita ao alto, à luz e ao bem. A meia rotação do espaço em torno do limiar assegura, portanto, se é permitida a expressão, a maximização do benefício mágico já que o movimento centrípeto e o movimento centrífugo acontecem num espaço organizado de forma que nele se entra de frente para a luz e dele se sai de frente para a luz.

Esses dois espaços simétricos e inversos não são intercambiáveis, mas sim hierarquizados, sendo o espaço interno precisamente a imagem invertida ou o reflexo num espelho, do espaço masculino. Não é por acaso que somente a orientação da porta é explicitamente prescrita, a organização interior do espaço não sendo jamais conscientemente percebida e menos ainda desejada como tal pelos sujeitos. A orientação da casa é primordialmente definida do exterior, do ponto de vista dos homens e, por assim dizer, pelos homens e para os homens, como o lugar de onde saem os homens. A casa é um império num império, mas que permanece sempre subordinado porque, mesmo quando ele apresenta todas as propriedades e todas as relações que definem o mundo arquetípico, permanece um mundo às avessas, um reflexo invertido. “O homem é a lâmpada de fora, a mulher a lâmpada de dentro”. A aparência de simetria não deve enganar: a lâmpada do dia não é senão aparentemente definida em relação à lâmpada da noite; de fato, a luz noturna, masculino feminino, permanece ordenada por, e subordinada à luz diurna, à lâmpada do dia, isto é

ao dia do dia. “A mulher, dizem ainda, é retorcida como uma foice”; também a mais direita dessas naturezas esquerdas não seria, jamais, senão endireitada. A mulher casada também encontra seu oriente dentro da casa do homem, mas não é senão a inversão de um ocidente : não é que dizem “a moça, é o ocidente”? O privilégio atribuído ao movimento para fora, pelo qual o homem se afirma enquanto homem virando as costas para a casa, a fim de enfrentar os homens, escolhendo o caminho do oriente do mundo, não é outro senão uma forma de recusa categórica da natureza, origem inevitável do movimento para dela se afastar.

Ecole Pratique Des Hautes Etudes.